

QUANDO A CRIANÇA NÃO TEM VEZ:
VIOLÊNCIA E DESAMOR, de Maria Helena Figueiredo Steiner.
São Paulo, Pioneira, 1986.

João Pedro da FONSECA *

A violência contra a criança é o tema deste livro. Catorze capítulos, catorze autores, catorze abordagens de um mesmo assunto: «a violência explícita, mascarada ou racionalizada, da qual a criança é vítima». É apresentado um painel das diferentes manifestações da violência na sociedade, na escola e na família. Relatando casos ou discorrendo sobre o cotidiano, o tom é de denúncia e de convocação geral. Nem poderia ser diferente. Como ficar insensível diante das violências explícitas, do filicídio, do suicídio, pornografia e prostituição infantis?

Mas esta é apenas parte da violência, não toda ela. Existem formas mais sutis e silenciosas que acontecem porque somos permissivos, complacentes, cúmplices passivos, omissos, acomodados. O grave em tudo isso é que não nos espantamos nem ficamos indignados com as distorções dos comportamentos dos adultos em relação às crianças e até cometemos essas mesmas distorções.

Como são as interações adulto-criança no lar e na escola? Como pais e mestres relacionam-se com seus filhos e alunos, respectivamente? Em lugar de proteção e amor, muitas crianças encontram abandono, ódio, indiferença, desamparo, descuido, medo, insegurança, negligência, agressão e humilhação.

Algumas passagens do livro dão uma idéia de seu conteúdo, tratado por diferentes autores, mas tendo como pano de fundo a violência contra a criança. Eis algumas: «... O futuro dessas crianças é uma incógnita, se houver futuro... Desmascarar as formas sutis, psicológicas de filicídio é tão urgente quanto denunciar e combater a pesada, violenta mão que se abate sobre a infância... A realidade que nossos olhos recusam-se a ver, é que não é apenas a criança sem pais, abandonada à sua própria sorte, na rua, explorada por adultos, que sofre, que corre riscos, que será marcada pelo desamor e pelo medo. O que existe encoberto é o fato de que os pais podem ser, com uma frequência alarmante, os piores e mais perigosos agressores

* Professor Assistente do Departamento de Administração Escolar e Enomonia da Educação da Faculdade de Educação da USP.

de seus filhos... Antes de mais nada, a coação de crianças através de métodos violentos, sejam eles verbais ou físicos é uma covardia... Na grande maioria das situações escolares a preocupação com o conteúdo programático a ser vencido é bem maior do que com a criança que deverá apreendê-lo... É preciso entender que as crianças de hoje têm muito pouco a ver com as crianças de ontem. Elas perderam espaço físico para explorar e descobrir, perderam a família no sentido mais amplo, perderam grande parte do contato com a natureza, estão submetidas a pressões muito fortes e a um consumismo mais desvairado, são apressadas (a partir das próprias roupas que vestem) a se adultizar rapidamente. Quem, na minha geração, foi submetido, por exemplo, a um exame vestibular no jardim de infância? Nossas crianças estão sendo roubadas em tempo e espaço, mas estão cada vez mais exigidas e mais cedo... A verdade é que os pais estão educando cada vez menos e pretendendo transferir para a escola e para a televisão o que não querem fazer... Esta criança não tem tempo nem espaço para ser criança, para ser infantil, não tem direito de não saber, de ser alegre e espontânea...»

Apesar do número «excessivo» de capítulos, o assunto não foi esgotado. Caberia, por exemplo, um capítulo sobre a desnutrição no Brasil, a mortalidade infantil ou ainda sobre o controverso tema do aborto.

O livro cumpre seu objetivo de estimular a reflexão a respeito de um assunto tão antigo e tão atual. O tratamento não muito aprofundado dos vários aspectos da violência é compensado com uma indicação bibliográfica no final de cada capítulo. O importante é que os leitores sejam despertados e alertados para uma situação que não lhes é estranha, mas faz parte, infelizmente, do seu cotidiano. É fundamental que os leitores façam um exame de consciência a respeito de suas relações com as crianças de seu microambiente ou do macroambiente: da sua casa, da sua sala de aula, da sua escola, do seu prédio, da sua rua, do seu bairro, da sua cidade, do seu estado, do seu país, do seu percurso, dos cruzamentos das ruas, das instituições assistenciais e filantrópicas, das pré-escolas, do mundo ocidental e «cristão».

Muitos pais fazem «cobranças» exageradas a seus filhos, expondo-os a uma «agenda» absurda de atividades, colocando-os em situações estressantes como os famigerados «vestibulinhos» para ingresso no primeiro grau de algumas escolas particulares. Deveriam refletir a respeito dessa passagem do capítulo sobre o suicídio infantil: «até mesmo crianças estão sendo atiradas às raias do desespero por uma sociedade caótica, que destrói as condições mínimas de dignidade existencial antes mesmo de seu nascedouro... A fome, a miséria e situações diversas, que variam desde espancamentos até fracasso escolar, vítima, de forma cruel as crianças que, indefesas

diante das atrocidades sociais, padecem de modo irascível diante dessas injustiças e desigualdades».

Nos apontamentos a respeito do «menor» no Direito brasileiro, lemos: «Qualquer carência no atendimento a quaisquer das necessidades do menor pode ser havida como uma forma de violência, já que interfere, desvia, prejudica ou retarda o seu normal desenvolvimento».

Este não é um livro para leituras «acadêmicas» e neutras. A equipe que o elaborou precisa ser ampliada com a participação do leitor, com seu compromisso, seu envolvimento na ação contra a violência.

É preciso agir, a nível individual e social. « Uma das formas de se agir contra a violência cometida contra a infância é trazê-la à tona, ao nível da consciência, é denunciá-la, não ser complacente com ela».

É preciso agir. Hoje, agora, aqui. Como pai, professor, cidadão, intelectual, adulto, membro de uma sociedade infanticida. Como educador que assume e não transfere sua função. Que se responsabiliza e se compromete. Que educa com brandura, amor, tranquilidade, respeito, compreensão, autoridade, firmeza, amizade, coerência. Que dispensa as pancadarias, as agressões, as humilhações, as surras, as ameaças. Que dialoga, acolhe, compreende, protege, ensina, corrige, estimula, enfim, AMA. Como cidadão que denuncia, se espanta, fica indignado. Que luta por um mundo melhor, mais justo, mais humano, mais cristão. Que defende a infância e busca preservá-la nas crianças, de seu convívio ou não. Que abre seu coração e sua mente num gesto solidário às maiores vítimas de uma sociedade construída pelos adultos e para os adultos: as crianças.